

A QUESTÃO DA ORGANIZAÇÃO PROLETÁRIA EM PANNEKOEK

Edmilson Marques*

A tarefa essencial, no mundo novo, consistirá em encontrar uma forma de organização constituída por uma coletividade de produtores, livres e associados, que controlem, tanto nos atos como na concepção destes, a atividades produtiva comum, regulamentado-a segundo a sua própria vontade, mas com poderes idênticos para cada um; será um sistema social totalmente diferente do antigo.

Anton Pannekoek

Tratar da questão da organização proletária na concepção de Anton Pannekoek é algo complexo, uma vez que a sua forma de pensar e refletir a sociedade ultrapassa as formas de pensamento hegemonicamente existentes. Na sociedade moderna, a maior parte dos indivíduos nasceu e foi educada nesta e para esta sociedade, o que quer dizer que vislumbrar uma sociedade diferente da atual, questão fundamental em Pannekoek, se torna doloroso e ao mesmo tempo um exercício difícil. Assim, pensando na efetivação de uma nova sociedade Pannekoek coloca que “a tarefa maior é, para os trabalhadores, a organização da produção em novas bases” (2007, p. 45). Portanto, é no sentido de clarear a idéia, como diz Pannekoek, da possibilidade de um “novo mundo” que propomos discutir qual a sua concepção sobre a organização operária.

Pannekoek ao tratar da organização operária toma como referência a sua determinação fundamental, isto é, o modo como os indivíduos produzem os meios necessários e indispensáveis para sua sobrevivência. É a partir do modo de produção que ele sistematiza teoricamente a sua concepção sobre a sociedade. Em suas palavras, “a sociedade é fundada na produção, ou, mais corretamente, a produção é a própria

* Militante do Movimento Autogestionário. Professor da Universidade Estadual de Goiás.

essência da sociedade, e por conseqüência, a marcha da produção determina a marcha da sociedade” (Pannekoek, 2008e, p. 05). Nesse sentido, tratando da sociedade moderna, a produção hegemonicamente existente é dominada pelo capital. Isso quer dizer que é preciso compreender as especificidades deste modo de produção para esclarecer a questão da organização em Pannekoek.

A sociedade capitalista se organiza através da existência de classes sociais, cujos indivíduos que as compõem, são caracterizados pela sua relação com a produção. No capitalismo, a produção se dá através da relação de exploração que essencialmente ocorre na relação entre os produtores (aqueles que estão diretamente em contato com a máquina e com todos os meios de produção, fazendo-as funcionar e delas retirar os meios necessários para a manutenção da vida de toda sociedade) e os capitalistas, os proprietários dos meios de produção. Assim, aquilo que os trabalhadores produzem é apropriado pelos capitalistas, que, além de não produzirem nada, ou seja, não trabalham na produção, se apropria daquilo que foi produzido. Ao se apropriar da produção devolvem para o trabalhador uma pequena parte em forma de salário, o mínimo necessário para a manutenção de sua vida e fica com o restante. Esse restante, a maior parte, que é apropriado pelo capitalista se denomina mais-valor.

É por isso que se diz que a produção capitalista se dá a partir de uma relação de exploração, pois, a produção realizada pelos produtores é apropriada por outros, pelos capitalistas. E é a partir desta relação que se dá a luta de classes. De um lado os produtores lutam para colocar fim à exploração e isso é expresso de diversas formas (reivindicação de melhores salários, diminuição da carga horária, absenteísmo, e fundamentalmente através das greves) e de outro os capitalistas buscam aumentar constantemente a exploração. Assim, quem produz compõe a classe produtora, o proletariado, e quem se apropria da produção realizada pelos trabalhadores, integra a classe capitalista, sendo estas duas as classes fundamentais no modo de produção capitalista. Nesta relação de luta entre ambas as classes que vai emergir todas as outras questões existentes na sociedade e é aí que devemos focar a atenção para compreender a questão da organização operária em Pannekoek.

No capitalismo “os trabalhadores não controlam seu trabalho, não se realizam nele, mas, pelo contrário, são coagidos, explorados, dominados. Assim, mesmo sem ter

consciência do processo de exploração, o proletariado luta” (Viana, 2008, p. 23). Diante desta relação de exploração, vemos então, a classe produtora lutando por sua libertação, buscando constantemente pôr fim à relação de exploração, por outro lado, a classe capitalista, luta também pela efetivação de seus interesses, porém, para a manutenção do capitalismo, pelo fato de que mantendo este modo de produção, que essencialmente se assenta na extração do mais-valor, conseguem viver sem que seja preciso gastar suas forças na produção, sem que seja preciso trabalhar. Sua sobrevivência é assegurada pela produção realizada pelos produtores. Por exemplo, para comer não produz sua própria comida, recorre à comida já produzida, rouba de quem a produziu devolvendo as migalhas que sobram da sua refeição. É nesse sentido que Marx (2003, p. 54-55) exprime que “a burguesia mesma, portanto, fornece ao proletariado os elementos de sua própria educação, isto é, armas contra si mesma”.

Pannekoek (2008f, p. 03) afirma que “o crescimento do capitalismo e da classe trabalhadora tem como conseqüência o crescimento de suas respectivas organizações”. Nesse sentido vão se formar distintas organizações, entendendo estas como agrupamentos de indivíduos que movidos pelo interesse da classe que integram, buscam realizar determinados objetivos. De acordo com Tragtenberg (1990, p. 159) “qualquer grupo humano, tendo em vista as finalidades que persegue, organiza-se para tanto”. Etzioni (1976, p. 09) ainda afirma que “as organizações são unidades sociais (ou agrupamentos humanos) intencionalmente construídas e reconstruídas, a fim de atingir objetivos específicos”. Assim, as organizações que surgiram na história da humanidade estiveram ligadas essencialmente aos objetivos específicos desejados pelas classes existentes.

Na sociedade moderna, é em torno das relações de produção, portanto, que vão se formar as organizações. E a partir da concepção de Pannekoek observa-se que nesta sociedade de um lado, os capitalistas criam suas próprias organizações, com o intuito de manter as relações de produção existente, e de outro os trabalhadores se organizam objetivando o fim da exploração que sofrem nos locais de produção, logo almejando uma mudança radical nas relações de produção, com o objetivo de alcançar a autogestão social.

Outra questão evidenciada por Pannekoek é que na história do capitalismo, devido à superioridade de força e de sabedoria da classe operária, os capitalistas, compreendendo sua inferioridade quantitativa, acabaram criando estratégias na tentativa de convencer a classe trabalhadora de que estão vivendo no melhor dos mundos já existentes, que “o capitalismo é uma ordem natural e deve durar para sempre” (Pannekoek, 2008g, p. 17-18), restando então aos indivíduos, buscarem melhores formas de se viver nesta sociedade.

Segundo Pannekoek (2007, p. 64)

Para a burguesia, o capitalismo é o único sistema social possível e natural (trata-se do capitalismo na sua forma final, a mais elaborada, já que foi precedida por outras formas mais primitivas). É por isso que, segundo a burguesia, as características do sistema capitalista não são temporárias e sim fenômenos naturais, expressão da eterna natureza humana.

Contudo, o mesmo autor esclarece as intenções desta idéia de naturalidade do capitalismo criada pela burguesia, pois,

Não é a primeira vez que uma classe dirigente tenta explicar e, portanto perpetuar o seu domínio apresentando-o como a consequência duma diferença inata entre duas espécies de pessoas: umas destinadas pela natureza a funções de comando, as outras a serem comandadas. A aristocracia fundiária do passado fazia já a defesa da sua posição de privilégio vangloriando-se de descender duma raça nobre de conquistadores, que teria subjugado a raça inferior das pessoas vulgares (Pannekoek, 2007, p. 74).

Pannekoek ainda explica que a justificativa dos capitalistas para o domínio que exercem provém de sua inteligência em detrimento dos outros que não a possuem. É por isso que percebe-se atualmente que o poder de decisão sobre a vida na sociedade está sob o poder de um conjunto de capitalistas aos quais cabe decidir qual a melhor maneira de se viver, inclusive, decidindo pela classe trabalhadora, também, a melhor forma deles viverem.

Sozinhos, no entanto, os capitalistas seriam incapazes de manter esta ordem desejada por eles. No processo de desenvolvimento do capitalismo, surge outra classe que vem auxiliar a burguesia no domínio e exploração do proletariado, tratando-se da burocracia que passa a ser a responsável pela administração da sociedade. Esta surge das profundas crises do capitalismo, no momento em que os capitalistas se vêm incapazes de dirigirem eles mesmos, a produção e as relações sociais externas às fábricas. Fazendo

referência à organização nacional-socialista, Pannekoek (2007, p. 54) esclarece a questão desta nova classe. Segundo ele,

Na organização nacional-socialista, a propriedade e o lucro – embora fortemente atingidos pela tributação do Estado – continuam nas mãos dos capitalistas privados, mas a direção e a administração dos meios de produção são assumidas pelos funcionários do Estado.

Seguindo esta linha de raciocínio, a organização maior onde atuam estes burocratas é o Estado, cuja direção se dá através de partidos políticos, o qual organizado ao redor do parlamento, como estratégia para o amortecimento da luta de classe, efetua seu domínio através da constituição da democracia representativa.

Acontece que a democracia representativa é uma democracia burguesa, criada pela burguesia para reproduzir seus interesses. E consegue a sua manutenção através dos partidos políticos. Estes vão sendo substituídos no poder em períodos de quatro anos e governam de acordo com seus princípios e convicção, sem o consentimento da maioria da população. A estratégia do rodízio de partidos na direção do Estado é uma forma de manter as relações de produção intactas, assim, muda-se os partidos, mas não altera-se as relações de produção. Nesse sentido, a população apenas recebe as ordens e é constrangida a se adequar às suas decisões, sem o direito a reclamar ou opinar ao que foi acordado no parlamento.

Os partidos políticos, por sua vez, são organizações burocratizadas, compostas por indivíduos que são divididos hierarquicamente os quais desempenham funções específicas, “indivíduos que nasceram, foram criados e educados na (e para) a sociedade burguesa. A sociedade capitalista é marcada pela burocratização, mercantilização e competição. Isto reproduz nos partidos políticos. O que predomina nos partidos é a burocracia partidária” (Viana, p. 82-83).

A ideologia que move os partidos é a de que existem para trazer benefício para “toda” a sociedade e declaram serem os representantes legítimos da classe trabalhadora. Contudo, os partidos têm uma relação íntima com o modo de produção capitalista. E isso se dá porque

O compromisso dos partidos com a classe que detém o poder condiciona sua linha política [...] seus integrantes torna-se geralmente conservador, levando uma vida privada e desenvolvendo interesses da minoria dirigente. Esses líderes partidários, isolados nos escritórios, são

facilmente corruptíveis pelos interesses das classes dominantes (TRAGTEMBERG, 1986, p. 70)

Contudo, no início do século XX, vemos emergir por várias partes do mundo partidos que diziam representar os interesses das classes oprimidas, partidos estes que receberam o nome de Partidos Comunistas. Na concepção de Pannekoek, estes partidos eram representados por uma minoria de indivíduos que lutando por interesses próprios almejavam chegar ao poder vencendo os poderosos capitalistas. Para se fortalecer fez a política de recorrer à maioria da população que era formada pelas classes oprimidas. Na tentativa de alcançar o poder, segundo Pannekoek (2008a, p. 02) “os partidos comunistas entraram pois nos parlamentos e nos sindicatos a fim de os transformar em órgãos de oposição”. Portanto, estes

Só tem um objetivo: tomar o poder e exercê-lo. Não contribuem para a emancipação do proletariado, pois sua meta é governá-lo. Mas apresentam seu domínio como se fosse a autêntica emancipação do proletariado. Tais partidos são aparelhos que lutam pelo poder e, após enquadrar os militantes na linha justa, utilizam todos os meios, visando à constante expansão de sua esfera de influência (PANNEKOEK, 2008c, p. 02).

Um exemplo clássico desta espécie partidária está na história da Rússia onde surgiu um partido que auto-intitulava representante legítimo da classe trabalhadora. Este partido se trata do partido bolchevique que teve Lênin como principal representante, o qual foi responsável pela instituição do que Pannekoek denominou capitalismo de estado (ou socialismo de estado). Segundo Pannekoek (2007, p. 69)

O socialismo de Estado é um projeto de reconstrução da sociedade que tem na sua base uma classe operária tal como a classe média a vê e a conhece no sistema capitalista. Naquilo a que chamam sistema socialista de produção, a estrutura fundamental do capitalismo é mantida: os operários põem as máquinas a funcionar sob as ordens de chefes. Mas este fato brutal é acompanhado por novas promessas vãs. Os capitalistas, sedentos de lucros, foram substituídos por uma classe dirigente de reformadores.

Lênin, conseguiu reverter a crise capitalista na Rússia e assegurou a permanência da sociedade de classe. Tornou-se famoso e referência para muitas organizações que iam se formando, cujos membros diziam buscar a transformação social, e, além disso, representou a forma mais real e concreta da distorção dos interesses da classe proletária.

A estratégia utilizada por Lênin em recorrer aos escritos de Marx deformando a sua teoria para uma ideologia estatista, como tentativa de fundamentar ideologicamente

a sua ação rumo à formação de uma burocracia forte que pudesse salvar o capitalismo e oferecer aos capitalistas um caminho livre para continuarem explorando a classe trabalhadora, de fato surtiu efeitos e acabou convencendo muitas pessoas, principalmente militantes ligados à luta por melhores condições de vida, os quais inspirados no bolchevismo iam criando organizações burocratizadas à imagem e semelhança do que fez Lênin. Contudo, Lênin conseguiu convencer muitas pessoas, mas não conseguiu convencer “todas” as pessoas. Indivíduos que viveram na mesma época perceberam o caráter conservador de Lênin e passaram a criticá-lo. Podemos citar Herman Gorter, Otto Rühle, o próprio Pannekoek entre outros. Jan Waclav Makhaiski (1981, p. 143), por exemplo, se referindo à revolução russa expressa que “os bolcheviques suscitaram a insurreição de Outubro a fim de salvar da ruína completa o Estado burguês”.

Assim, Lênin e o Partido Bolchevique privaram os trabalhadores russos da conquista fundamental – a organização da produção pela classe operária -, instituindo, em seu lugar, uma direção burocrática (Viana, 2007, p. 146). É neste contexto que se dá a formação dos sindicatos, outra organização que surge no capitalismo, fruto da luta entre trabalhadores e capitalistas. Segundo Pannekoek, os sindicatos são criados pelos trabalhadores fortalecerem a luta contra os patrões. Contudo, são rapidamente apropriados pelo capitalismo e passa a desempenhar o mesmo papel que os partidos políticos, ou seja, criar os meios necessários para a manutenção da ordem e reprodução do capitalismo no domínio da classe operária. Estão diretamente ligados à produção capitalista e são responsáveis por garantir o mínimo necessário para a manutenção da vida dos trabalhadores. Por isso recorrem às leis e mantêm relações constantes com o setor judiciário, o Estado e os capitalistas, onde buscam sustentação para manter apaziguada a classe trabalhadora, e onde o lema, “não precisam se revolucionar, pois, lutamos por vocês”, é o que prevalece.

Os sindicatos são compostos, geralmente, por indivíduos eleitos através de processos eleitorais. São organizações hierarquizadas, havendo em sua composição os representantes chefes, aqueles que, no capitalismo, são responsáveis por fazer a negociação entre trabalhadores e os chefes do Estado e ainda com os capitalistas. Funcionam como uma barreira para impedir que os trabalhadores lutem por seus interesses de forma direta com o Estado e com os capitalistas. É nesse sentido que

Pannekoek (2008d, p. 01) coloca que “o objetivo do sindicalismo não é substituir o sistema capitalista por um outro modo de produção, mas melhorar as condições de vida no próprio interior do capitalismo. A essência do sindicalismo não é revolucionária mas conservadora”. Herman Gorter (1981, p. 32) também esclarece o lado contra revolucionário dos sindicatos e afirma que este será um obstáculo na luta dos trabalhadores. Para ele,

O movimento sindical começou a desempenhar um papel no capitalismo, transformando-se desta forma num membro da sociedade capitalista. Mas, quando a revolução começa, e o proletariado, de membro da sociedade capitalista, se torna o seu destruidor, terá de enfrentar o sindicato como um obstáculo.

Com o desenvolvimento do capitalismo Pannekoek (2008h, p. 23) enfatiza que “os trabalhadores descobrem hoje em dia que estas organizações, que consideravam uma parte deles mesmos, se voltam contra eles. Compreendem agora que seus dirigentes políticos e sindicatos estão ao lado do Capital”.

Contudo, é diante deste quadro social formado pelo capitalismo, onde as organizações expressam ideologias de representação dos trabalhadores que são mantidas intactas as relações de produção capitalistas que Pannekoek (2008e, p. 01) anuncia

A classe operária em luta tem necessidade duma organização que lhe permita compreender e discutir, através da qual possa tomar decisões e fazê-las concretizar, e graças à qual possa fazer conhecer as ações que empreende e os objetivos que se propõe atingir.

Surge então uma resposta da classe trabalhadora no sentido de demonstrar que a forma organizacional operária é distinta das organizações burocráticas. A resposta operária inicia-se

Com a greve de ocupação ativa, uma radicalização e aprofundamento da greve de ocupação, que marca já um passo rumo ao questionamento da propriedade privada, das relações de produção capitalistas. Este processo de greve de ocupação ativa exige, para significar um verdadeiro movimento revolucionário, a generalização para um conjunto significativo de unidades de produção. A ocorrer tal processo, ocorre, simultaneamente, uma forma superior de auto-organização, a formação dos conselhos de fábrica. Os conselhos de fábrica passam a gerir as fábricas e fazê-las funcionar de forma autogerida.

Esta ampliação da auto-organização dos trabalhadores se expande para outros setores da sociedade, tal como nos locais de moradia, estudo etc. Surge, neste contexto, simultaneamente, os conselhos de bairros e

outras formas de auto-organização, tal como os conselhos de segurança (milícias operárias). O processo de generalização da greve de ocupação ativa e da formação de conselhos de fábrica permite a articulação de diversas unidades produtivas em determinada cidade ou região, através de sua articulação com os conselhos de bairros e outros tipos de conselhos, criando os conselhos operários, a forma conselhistas de autogestão social que realiza a articulação da sociedade em escala geral (Viana, 2008, p. 25-26)

Assim surgem os sovietes (os Conselhos Operários). Para Pannekoek (2007, p. 91) “os Conselhos Operários constituem a forma de autogoverno que substituirá, no futuro, as formas de governo do velho mundo”. Estes nada mais são do que organizações operárias autênticas criadas pelos trabalhadores visando essencialmente a transformação social, o fim da exploração, a efetivação concreta da liberdade humana. Surgem espontaneamente sem uma prévia junção de alguns poucos indivíduos que pensam teoricamente. Diante da vida concreta de opressão vivida pelos trabalhadores que esta se levanta e como um dragão busca queimar todas as formas opressivas existentes na sociedade.

São compostas essencialmente por trabalhadores, e se movem conforme os seus interesses e não tem nem uma ligação com as organizações burocráticas, pelo contrário, buscam extingui-las. Segue o princípio real teorizado por Pannekoek (2007, p. 70) de que “a classe operária não pode ser libertada por outros; só pode ser libertada por ela própria”. Vejamos, portanto, como Trotsky (1978, p. 49) descreve a origem dos Conselhos. Segundo ele,

Em 1904, primeiro ano da guerra russo-japonesa, a inspeção das fábricas acusou um total de 25 mil grevistas. Em 1905 o número de operários que tomaram parte nas greves políticas e econômicas ascendeu, em conjunto, ao total de 2 milhões 863 mil, isto é, um número 115 vezes maior que o do ano anterior. Este salto prodigioso demonstra por si mesmo que o proletariado, obrigado pela marcha dos acontecimentos a improvisar esta atividade revolucionária inaudita, devia, a todo custo, tirar de seu próprio seio uma organização que correspondesse à amplitude da luta e à grandiosidade dos fins que perseguia: assim nasceram os sovietes (conselhos) da primeira revolução.

A organização operária a partir dos Conselhos Operários surge embrionariamente na revolução russa de 1905 e toma proporções mais claras posteriormente em várias partes do mundo, principalmente na revolução russa de 1917. Surgem como resposta da classe trabalhadora às falsas promessas das organizações burocráticas e, fundamentalmente, aos expropriadores, diante dos quais a classe

trabalhadora exaurida de esperar por algum “benefício”, buscam eles mesmos, com instrumentos próprios e por convicção própria, a solução dos problemas que lhe aflige cotidianamente. Nesse sentido Pannekoek (2008b, p. 02) ressalta que

A verdadeira organização, a que os trabalhadores necessitam para a revolução, requer que todos tomem parte dela, de corpo, alma e cérebro; que todos tomem parte tanto na liderança como na ação, e tenham que pensar, decidir e atuar ao máximo de suas capacidades. Tal organização é um conjunto de pessoas auto-determinadas. Não há lugar para líderes profissionais. Indubitavelmente existe a obediência; todo o mundo tem que seguir às decisões as quais eles mesmos haviam tomado parte em elaborar. Porém, todo o poder sempre reside nos próprios trabalhadores.

Na concepção de Pannekoek, a organização operária através dos Conselhos Operários é a organização autêntica do proletariado. Esta vem para substituir toda e qualquer organização existente no modo de produção capitalista que declaram buscar benefícios para a sociedade. Estes são formados pelos próprios trabalhadores e estão intimamente relacionados aos locais de produção. Assim, observa-se que até agora, os interesses da classe trabalhadora têm sido limitados às decisões parlamentares e partidárias, o que equivale dizer que está amarrada e amordaçada pelas regras criadas pela burguesia. A sua libertação, no entanto, não é tarefa de partido, é, sim, fruto de sua própria ação. A organização em forma de Conselhos Operários é a expressão desta sua ação em busca da efetivação de sua liberdade, conseqüentemente, a liberdade de todos. Segundo Pannekoek (2007, p. 30), “aos operários que cabe a tarefa de se libertarem a si próprios e ao mesmo tempo a humanidade em geral, deste flagelo”.

Enquanto no capitalismo assistimos às disputas partidárias e intrigas nos bastidores parlamentar, os quais brigam pelo poder de dirigir, cada um à sua maneira, toda uma nação, paralelamente, os capitalistas exploram e arrancam à força dos operários o mais-valor que lhe dá sustentação. Com a organização social criada pelos Conselhos Operários, findam as intrigas partidárias, bem como os próprios partidos, e essencialmente, a exploração, a expropriação do trabalho da classe proletária. Chega ao fim, o parlamento. Ao mesmo tempo, os capitalistas perdem seu poder sobre os trabalhadores e são forçados a saírem de trás das mesas de seus escritórios e trabalhar, isso se quiser continuar vivendo, pois, estará impedido de roubar dos outros o que eles mesmos produziram. Assim, terá que produzir junto aos trabalhadores tudo aquilo que

necessita para sobreviver. É por isso que Pannekoek (2007, p. 98) coloca que “quando a produção se encontra organizada pelos próprios produtores, a classe exploradora de outrora se vê automaticamente excluída da participação nas decisões, sem quaisquer outras formalidades”.

Nesse sentido, do ponto de vista de Pannekoek, cessa a luta de classe. Deixa de existir as próprias classes. O Estado não terá mais sentido de existência. O capitalismo se vê destinado a seguir apenas um caminho, o de pular numa fogueira alimentada por combustíveis, e ser transformado em fumaças que logo desaparecerá no ar. Com isso, todos os indivíduos, de todos os lugares do mundo, aprenderão que o valor do ser humano, consiste unicamente, em ser ele, um ser humano, despendido de coisas, que no capitalismo, lhe valorizava.

Na nova sociedade, organizada pelos Conselhos Operários, os locais de produção estarão produzindo visando atender o interesse de todos. Nesta sociedade, enquanto um conjunto de pessoas produz os meios necessários para a vida da comunidade, outros serão escolhidos para realizar a organização desta produção em conjunto com outros locais onde são produzidos outros meios necessários para a vida dos seres humanos. A ligação entre esses locais de produção se dará através de pessoas escolhidas pelo grupo de trabalhadores de cada localidade.

A escolha destes indivíduos se dará numa assembléia e estarão nesta posição de representante o tempo que os trabalhadores acharem suficiente, podendo então, ser substituído por outro a qualquer momento. Cada um, levando as decisões tomadas em assembléias, responderão pelo local de trabalho de origem. Importante ressaltar que não se trata de dirigentes que decidem conforme sua própria vontade e interesse. Para Pannekoek (2007, p. 93) “os conselhos não governam, transmitem as opiniões, as intenções, a vontade dos grupos de trabalho”. A sua decisão visa atender aos interesses discutidos anteriormente e cada decisão e toda discussão realizada pelas pessoas escolhidas em cada fábrica, pelos conselheiros, será colocada em público posteriormente, em outra assembléia em cada fábrica.

Com esta organização, os trabalhadores elevam ao alto os interesses comuns de todo ser humano, atender de forma libertária e sem opressão, as suas necessidades básicas. Todos trabalharão conforme sua própria aptidão, conforme sua vontade e para si

próprio, felizes, pois determinarão sua própria forma e tempo de trabalho. Põem abaixo, assim, todas as organizações inautênticas e todas as expressões, valores e idéias axiológicas³⁶, fazendo prevalecer a axionomia. E para atingir este fim, é necessário, fundamentalmente, que utilize de meios autênticos. Os meios para se conseguir atingir uma sociedade autogestionária deve estar de acordo com seus objetivos. Desta forma, uma sociedade verdadeiramente libertária só pode ser alcançada com meios libertários. Isso quer dizer que negar todas as formas utilizadas pelas organizações burocráticas é fundamental.

Se os sindicatos buscam decidir pelos trabalhadores, estes deverão negar estas instituições e eles próprios decidirem o que é melhor para si. Se os partidos criam a idéia da democracia representativa, os trabalhadores deverão negar a mesma, e isso pode ser feito através da negação do voto, ou de outras expressões que podem ser criadas para divulgar a sua negação. Mas, fundamentalmente, é preciso que os trabalhadores se organizem contra os patrões e chefes. Que fortaleça o seu descontentamento e o deixe transparecer através de suas ações, mostrando para esses expropriadores que o bem estar de sua vida depende de si próprio. E para isso depende ele próprio geri-la, sem que seja preciso alguém que decida por si e para si.

Na concepção de Pannekoek, enfim, a negação e destruição de toda organização burocrática, e fundamentalmente, da organização da produção capitalista, portanto, é necessária e indispensável para fortalecer a possibilidade de uma nova sociedade. Uma sociedade estabelecida numa nova organização, onde os Conselhos Operários existirão inicialmente e poderão vir a desaparecer no futuro, dando lugar a formas mais elaboradas e desenvolvidas de organizações autogestionárias, através das quais os trabalhadores farão em conjunto prevalecer uma organização mundial fundada nos sentimentos, vontades e em relações determinadas pela solidariedade entre os seres humanos, organizações autênticas.

³⁶ Os termos “valores inautênticos”, “axiologia”, são expressões que fazem referência aos valores da classe dominante. Em contraposição aos valores dominantes, existem os valores autênticos, os valores da classe proletária. Para uma leitura mais detalhada sobre axiologia, valores inautênticos e valores autênticos ver livro “Valores na Sociedade Moderna” de Nildo Viana.

Finalizamos esta discussão sobre a questão da organização operária fazendo uso das palavras de Pannekoek (2007, p. 71), expressando assim, a sua concepção a respeito da organização operária, para o qual a hegemonia da organização dos operários com os Conselhos Operários sobre as organizações capitalistas “será uma transformação da sociedade na sua própria essência, não só porque as relações de força entre as classes terão sido invertidas, não só porque as relações de propriedade terão sido mudadas, não só, ainda, porque a população terá sido reorganizada sobre novas bases, mas essencialmente (e é o elemento capital em todo este processo) porque a classe operária se terá transformado, no mais profundo de si mesma. Os trabalhadores transformar-se-ão, de indivíduos submetidos, em donos do seu destino, confiantes em si próprios e na sua liberdade, capazes de construir e de organizar um mundo novo”.

REFERÊNCIAS

- ETZIONI, Amitai. **Organizações Modernas**. São Paulo, Pioneira, 1976.
- GORTER, Herman. **Carta Aberta ao Companheiro Lênin**. In: TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- MAKHAÏSKI, Jan Waclav. **A Revolução Operária**. In: TRAGTENBERG, Maurício. **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido comunista**. São Paulo, Martins Claret, 2003.
- PANNEKOEK, Anton. **A Revolução dos Trabalhadores**. Porto Alegre, Barba Ruiva, 2007.
- _____. **A Propósito do Partido Comunista**. In: I.C.C. Vol. I. n.º 7 - Junho de 1936. Texto retirado do endereço virtual <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ma000041.pdf>. Acessado em maio de 2008a.
- _____. **Los Consejos Obreros**. In: Correspondencia Consejista Internacional, Vol. II no. 5, abril de 1936. Texto retirado do endereço virtual http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/consejos.htm. Acessado em maio de 2008b.
- _____. **Partido e Classe**. Texto escrito em março de 1936. Retirado do endereço virtual <http://www.geocities.com/autonomiabvr/partido.html>. Acessado em maio de 2008c.
- _____. **O Sindicalismo**. In: I.C.C. Vol. II. n.º 2 - janeiro de 1936. Retirado do endereço virtual www.marxistsfr.org/portugues/pannekoek/1936/mes/sindicalismo.htm. Acessado em maio de 2008d.

_____. **Os Conselhos Operários.** Texto escrito pelo autor em abril de 1936. Retirado do endereço virtual <http://www.geocities.com/autonomiabvr/conselh.html>. Acessado em maio de 2008e.

_____. **Para Luchar Contra el Capital hay que Luchar Contra el Sindicato.** Publicado na Revista Living Marxism em 1938. Retirado do endereço virtual http://www.geocities.com/cica_web/consejistas/pannekoek/lucharsindicato/indice.htm. Acessado em maio de 2008f.

_____. **Marxismo e Darwinismo.** Retirado do endereço virtual http://www.pco.org.br/revista_digital/2006/agosto/marxismo_darwinismo.htm. Acessado em maio de 2008g.

_____. **Los Consejos Obreros (II).** Retirado do endereço virtual http://www.geocities.com/cica_web. Acessado em maio de 2008h.

TRAGTENBERG, Maurício. **Sobre Educação, Política e Sindicalismo.** São Paulo, Cortez, 1990.

_____. **Reflexões Sobre o Socialismo.** São Paulo, Moderna, 1986.

TROTSKY, Leon. **A História da Revolução Russa.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

VIANA, Nildo. **Manifesto Autogestionário.** Rio de Janeiro, Achiamé, 2008.

_____. **A Esquerda Dissidente e a Revolução Russa.** In: MACIEL, David; MAIA, Cláudio e LEMOS, Antônio Henrique (Org's). **Revolução Russa: Processos, Personagens e Influências.** Goiânia, CEPEC, 2007.

_____. **O Que São Partidos Políticos.** Goiânia, Germinal, 2003.

_____. **Os Valores na Sociedade Moderna.** Brasília, Thesaurus, 2007.